

SOBRE CRISES E OUTRAS COISAS

Francisco Neto Pereira Pinto¹

Quando casamos já era professora universitária com um orgulho jubiloso pós-feminista da liberdade indizível de ser mulher plena ser somente mulher e não um adjunto do Pedro que era dotado do maior calor pela liberdadeautonomia e assim vivíamos duas andorinhas sob o mesmo sol quente de Araguaína com uma única obrigação expandir os limites Pedro é engenheiro considerado por cá doutor Tivemos dois filhos a Sebastiana e o Romão que estudam no Campos Elísios e fazem nataçãoringlêsviolão Se não mais me exigisse a vida seria sempre feliz Daí o tempo em que uma maré salgada de economia oblíquanebulosa e toda desespero atingiu também o Norte e o Pedro então se tornou apenas dono de casa Não era tragédia talvez para o Pedro meio drama mas me senti culpadamente felizvitoriosatriunfantepoderosa como âncora mais que sobrevivendo às ondas de desempregopessimismoemedo que se espalhava como vírus e ganhava as dimensões do país inteiro e se impunha com o dedo em riste sob o céu de todas nossas cabeças

Negrura
Do teu medo a espessura
Perdura

Com uma largamente farta carga horária não saberíamos da crise não fosse o Pedro agudamente ansiosoinibidoruborizado quando de uma entrevista temeroso de uma negativa que recebia como um golpe cortante naquilo que concebia como a pedra dura do seu ser sua dignidade de homem o macho da família

Um telhado em furos no temporal
Um cão ralhado granindo
O Pedro ferido

Pedro foi ficando todo silêncioruminativodesinteressadoeavesso às intimidades Engordou de abdômen e rosto redondo em frente à TV com seu programa favorito *Mad Men* Uma conversa

¹ Doutorando em Letras pela Universidade Federal do Tocantins, com pesquisas relacionadas à literatura e à formação do leitor literário. É poeta e contista. E-mail: fneto@uft.edu.br

um carinho lhe eram uma farpaferroada Pedro ficou todo suspiros inquietude de corpo e mente ira em cravos explodindo um leão enjaulado sob a mão inexorável da impotência insustentável Sou agora o caminho da família Uma fera faminta ressequida por dentro toda sedenta toda lágrimas toda choro toda palavras-espetos à espreita do Pedro Garras mais que estão afiadas anseiam seu rosto sombrio e descaído seu pescoço roliço quase brotando sangue

Um dia após o outro tic tac um horror
O Pedro um bolô
Eu toda resto um oco

Odeio o Pedro com um ódio violento mas também culpado suplicante vai Pedro trabalhar nesta vida ser forte ser macho Não quero ser forte desse jeito A família pesa chumbo Insuportáveis Enterram-me viva em sepultura de espinhos em leitos de agonia estreitos escuros lá onde estou sempre sozinha tirando forças de uma delicadeza a qual jamais renuncio que é somente minha uma chama teimosa impassível e brava que sobrevive a este horror líquido que se precipita em correntes sinuosas na curva desta minha vida Quero ser forte mas do outro jeito uma andorinha fanfarreira das manhãs ensolaradas de Araguaína ainda nas primeiras horas quando as flores primaveris estão todas sonolentaspreguiçosassorridentesdesabrochando Mas o Pedro já não me olha mais nos olhos e ontem oh God quando uma música tocava no carro de som lá na rua *ou some ou* soma do Jorge e Mateus uma tragédia para mim um drama o Pedro pôs uma mochila nas costas e sem olhar para trás saiu por aquela porta a passos largos

A crise
Rápida e voraz
Como só ela é faminta
Me diz com sua boca grande
Não será mais do Pedro andorinha